

10.4025/6cih.pphuem.625

Entre o nazismo e o integralismo: a militância política dos imigrantes alemães e seus descendentes em Petrópolis-RJ (1935-1937)

Priscila Musquim Alcântara de Oliveira (UFJF)

O Projeto "Povoação Palácio de Petrópolis" e a fundação da cidade.

Petrópolis foi uma cidade planejada na segunda metade do século XIX para ser sede do palácio de veraneio da Família Imperial. A região fazia parte de uma variante do Caminho Novo, aberta no fim do século XVIII. Essa variante partia do Cais dos Mineiros (atual Praça XV), atravessava a Baía de Guanabara com destino a Vila da Estrela (hoje, corresponde a Magé). De lá, subia-se a serra, alcançando a região onde hoje se encontra edificada a cidade de Petrópolis. Então, seguia-se até Paraíba do Sul, onde se encontrava o trecho do Caminho aberto por Garcia Paes, com destino a província de Minas Gerais (TAULOIS, 2007).

De passagem por essa variante, D. Pedro I pernoitou na fazenda da família do padre Antônio Tomás de Aquino Correia, situada no atual distrito de Correias. A temperatura mais fria da serra e a proximidade com o Rio de Janeiro foram fatores importantes na sua decisão de adquirir uma propriedade naquela região e destiná-la à construção de um palácio de verão para a Família Imperial. Sua intenção era construir um palácio em um lugar de temperaturas mais amenas que as do Rio de Janeiro, para ali passar o verão e receber as visitas que vinham da Europa e que não estavam habituadas às altas temperaturas da Corte. Em 1830, o imperador adquiriu uma propriedade vizinha à do padre, a Fazenda do Córrego Seco. Adquiriu também outras fazendas ao redor, correspondentes aos atuais bairros do Alto da Serra, Quitandinha e Retiro. Entretanto, como no ano seguinte abdicou ao trono e retornou a Portugal, não pôde levar o projeto adiante. D. Pedro II retomou os planos do pai. Pôs em prática um projeto que incluía, além da construção do palácio, a urbanização de uma vila imperial com quarteirões imperiais, a edificação de uma igreja em louvor a São Pedro de Alcântara, construção de um cemitério, cobrança de foros imperiais dos colonos moradores e a expulsão dos que estavam ocupando ilegalmente as terras da região. Era o projeto "Povoação Palácio de Petrópolis" (TAULOIS, 2007).

10.4025/6cih.pphuem.625

Petrópolis foi fundada em 16 de março de 1843, pelo decreto imperial número 155, por meio do qual foram arrendadas as terras correspondentes à fazenda do Córrego Seco para o major Júlio Frederico Köeler, de origem germânica, então chefe da Segunda Seção de Obras Públicas da província. Koeler ficou responsável pela execução do projeto. Em maio de 1846, Petrópolis foi elevada à categoria de freguesia, com o nome de São Pedro de Alcântara de Petrópolis, conforme a lei provincial n.º 397. Em junho de 1859, atingiu o status de cidade, com a denominação de Petrópolis, segundo a lei n.º 961, de 29 de setembro de 1857¹.

Colonização Germânica e Características Populacionais

A presença de imigrantes germânicos nas terras correspondentes a atual cidade de Petrópolis é anterior a sua fundação. Em novembro de 1837, um veleiro batizado de Justine, que levava 283 germânicos para Sydney, na Austrália, fez uma parada no porto do Rio de Janeiro. Nessa parada, os tripulantes se rebelaram contra os maus tratos sofridos no decorrer da viagem da Europa ao Brasil. Sabendo do ocorrido, o Major Koeler, que na ocasião chefiava as obras de construção de uma estrada ligando o Porto da Estrela à Paraíba do Sul, solicitou ao Imperador que intervisse e trouxesse aqueles imigrantes para trabalhar na construção da estrada (STEHLLING, 1979. KERSTEN, 2005: 5). Esses germânicos foram então conduzidos para a região hoje correspondente ao bairro Itamaraty, em Petrópolis, onde se instalaram. A colônia, no entanto, teve vida efêmera. Em 1840, era constituída por 147 pessoas. No ano seguinte, apenas três famílias continuavam na região.

Nesse período, as províncias tinham autonomia para coordenar a vinda de imigrantes para o Brasil, conforme determinava um Ato Adicional de 1824. Valendo-se dessa prerrogativa, o governo da província do Rio de Janeiro, assim como São Paulo e outras, realizava contratos com empresas estrangeiras para contratar imigrantes (MAGALHÃES, 1998: 22).

Para os germânicos, até 1820 a questão da emigração era encarada como um assunto interno a cada Estado. Na década de 1840, a situação muda. Em função de um nacionalismo cada vez mais expressivo, a emigração deveria servir aos interesses do Estado germânico,

10.4025/6cih.pphuem.625

que acreditava que os imigrantes fossem capazes de constituir um campo de ampliação do mercado e da economia alemã, de modo que por meio dessas ligações econômicas se fortalecessem também os vínculos culturais, bem como a preservação da língua alemã (HUFF JUNIOR, 2007, p.9).

O major Koeler enfrentava escassez de mão-de-obra para a execução do projeto e os passageiros do veleiro Justine não supriram a demanda. Koeler solicitou ao governo da província a contratação de mais germânicos. Então, em 1845, dirigiu-se para lá um grupo de 2338 pessoas. Partindo da Europa em trezes embarcações diferentes, esses imigrantes foram chegando à cidade entre os meses de junho e novembro de 1845 (TAULUIS, 1995, p.5; VASCONCELLOS: 1995, P.12. . KERSTEN, 2005, P.6.) Grande parte desses imigrantes vieram da região que hoje corresponde ao estado federal da Renânia-Palatinado (Rheinland-Pfalz), de localidades como Mainz, Koblenz e Trier, conforme registra o Livro 1 de Casamentos da Catedral São Pedro de Alcântara, que engloba o período de 1847 a 1864ⁱⁱ.

Antes da chegada dos germânicos e da construção do palácio, a área onde se edificou a cidade era pouco habitada. Pouco havia mudado desde a aquisição da Fazenda do Córrego Seco pelo imperador D. Pedro I. Segundo José Nicolau Tinoco de Almeida, em 1830 *“existiam nelas [terras da fazenda] uma casa ordinária de moradia, dois ranchos para tropas pernoitarem e duas pequenas oficinas de ferraria, principal indústria do proprietário”*. (TINOCO, 1885).

O quadro mudou rapidamente com a chegada daquele grande contingente. Ao contrário do que ocorreu com os germânicos do veleiro Justine, aquele grupo não se dispersou. Por iniciativa do major Köeler, ruas e quarteirões de Petrópolis ganharam nomes de regiões germânicas

Para os alemães se sentirem à vontade e se lembrarem de sua terra, Köeler repetiu os nomes das regiões de origem na Alemanha nos quarteirões da cidade como Mosela, Palatinado, Westphalia, Renânia, Nassau, Bingen, Ingelheim, Darmstadt, Woerstadt, Siméria, Castelânia Westphalia e Worms. Além disso, homenageou as diversas nacionalidades de outros colonos, dando-lhes nomes nos quarteirões: Quarteirão Francês, Suíço e Brasileiro (TAULUIS, 2007).

Anos mais tarde, em 1862, a população de Petrópolis era de aproximadamente 6 mil pessoas, das quais cerca de 2.800 eram germânicos, segundo informa Carlos Augusto

10.4025/6cih.pphuem.625

Taunay (TAUNAY, 1862). Constituíam, portanto, quase metade da população. Não se organizaram em uma comunidade isolada, já que um número considerável de germânicos casou-se com brasileiros e outros estrangeiros.

Tabela 2: Matrimônios envolvendo germânicos (1847-1864)

Origem dos noivos	Número total	%
Germânicos e Germânicos	100	67%
Germânicos e Brasileiros ou Portugueses	36	24,3%
Germânicos e outros estrangeiros ⁱⁱⁱ	13	8,7%
Total	149	100

Fonte: Livro 1 de Casamentos da Catedral São Pedro de Alcântara. Petrópolis - RJ

Petrópolis às vésperas da Revolução de 1930

No começo da década de 1920, Petrópolis possuía uma população de aproximadamente 67 mil habitantes. O setor industrial da cidade empregava 3.438 pessoas, o que correspondia a 23% da população economicamente ativa da cidade. Embora o percentual fosse menor que o da cidade de São Paulo (35%) e que a do Rio de Janeiro (32%), representava o dobro do contingente do estado do Rio (11,6%) e também do Brasil (13%) (MARTINS, 1983, P. 16). Destacava-se o setor têxtil do município, sendo um dos mais expressivos do estado do Rio de Janeiro.

10.4025/6cih.pphuem.625

Na passagem da década 1920 para 1930, as companhias têxteis de Petrópolis, bem como as demais fábricas do município passavam por um período delicado. O setor industrial começava a sofrer os impactos da Crise de 1929, que acarretou na queda no produto real da economia brasileira, gerando taxas negativas de crescimento e renda e depreciação cambial, que veio acompanhada de um aumento nos direitos andueiros, fazendo subir o custo real das importações. A consequência foi a redução nos investimentos na indústria nacional, face a dependência de tecnologia estrangeira para ampliar o maquinário (SUZIGAN, 1986, P.87). Somados aos reflexos da crise mundial, a situação em Petrópolis era de caos, com demissões em massa e fábricas à beira da falência (VASCONCELLOS, 2009).

A turbulência em Petrópolis não fazia parte apenas no cenário econômico. Na política predominavam as tensões bem antes da crise econômica fazer sentir seus efeitos. Dois grupos políticos disputava o poder na cidade e se agregavam em torno de duas lideranças: de um lado, Joaquim Francisco Moreira, do Partido Republicano Fluminense (PRF). De outro, Antonio Joaquim de Paula Buarque, que representava o Partido Republicano do Rio de Janeiro (PRRJ). Em meio a essa disputa, crescia a participação do eleitorado petropolitano. O pleito de 1929, o quarto da história do município, apresentou o maior índice de participação política dos realizados até então. Nessa eleição, Ary Barbosa, representante do grupo vinculado a Paula Buarque, perdeu por 17 votos para o candidato do PRF, Antonio José Romão Jr. Embora tenha obtido maioria dos votos, Romão Jr. não teve seu diploma proclamado pela junta apuradora do pleito, que era composta por uma maioria de vereadores eleitos ligados a Paula Buarque, que reconheceram Ary Barbosa como prefeito eleito. Romão Jr. Recorreu à justiça estadual, sem sucesso. Ary Barbosa tomou posse em 23 de dezembro de 1929 (MONTEIRO, 1995, P. 68).

Petrópolis sentiu rapidamente os efeitos da Revolução de 1930. Em 26 de outubro de 1930, Ary Barbosa foi afastado do executivo municipal. A câmara de vereadores foi dissolvida. Uma das primeiras medidas implementadas pelo Governo Provisório foi o Sistema de Interventorias, que se inspirava em reivindicações tenentistas. Por meio desse sistema, o poder central controlava o poder local. O presidente da República passou a nomear interventores para governar os estados e estes, nomeavam os interventores nos municípios.

10.4025/6cih.pphuem.625

De um modo geral, a maior parte dos primeiros interventores estavam vinculados ao tenentismo. Esse sistema foi alvo de muitas críticas, já que muitos dos interventores não possuíam laços com as elites políticas locais. Esse descontentamento culminou em crises e substituições frequentes de interventores. Só o estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 1930 e 1935, trocou de interventor por seis vezes (PANDOLFI, 2009). O interventor era o instrumento-chave na relação centro-estados no quadro das mudanças políticas pretendidas pelos agentes do movimento de 1930 (SOUZA, 1976, 95).

Foi no dia 17 de dezembro de 1930 que a cidade conheceu seu novo prefeito. Ao contrário das expectativas locais, o escolhido não foi um petropolitano. Assumiu o cargo Yeddo Fiúza, engenheiro gaúcho. Fiúza conhecera Getúlio Vargas em Porto Alegre, antes de se mudar, em 1924, para o Rio de Janeiro, onde trabalhou para uma firma norte-americana até ser chamado para ser prefeito em Petrópolis (ALCÂNTARA, 2012, 67).

NAZISMO

Se durante a Primeira Guerra Mundial foram impostas uma série de restrições no que diz respeito a ligações entre o Brasil e a Alemanha, ao seu término, as igrejas evangélicas de confissão luterana no país retomaram o uso do idioma alemão e a difusão da cultura germânica. As ligações com a Alemanha tornaram-se ainda mais fortes, em especial, por conta das dificuldades financeiras pelas quais passavam, o que intensificou as filiações ao Conselho Superior Eclesiástico de Berlim, e posteriormente, à Federação Eclesiástica Evangélica Alemã, criada em 1922. Desse modo, estava preparado o terreno para a germinação dos ideais nazistas dentro de grupos teuto-brasileiros na década de 1930, inclusive em Petrópolis. Na cidade, o grupo nazista era bastante ativo. Embora utilizassem a imprensa local de maneira discreta, eram frequentes notas minúsculas escritas, em sua maioria em alemão, convocando para reuniões do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* “NSDAP”. A Organização do Partido Nacional Socialista no Exterior recomendava que seus membros não propagassem suas idéias a estrangeiros. Segundo Adolf Hitler, líder do NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*^{iv} e que

10.4025/6cih.pphuem.625

governou a Alemanha entre 1933 e 1945, “nazismo não era uma mercadoria exportável”. (MAGALHÃES, 1998. 136),

Entre os mandamentos destinados aos membros do NSDAP que moravam em outros países, estavam os seguintes: respeitar as leis do país onde moravam, sem se intrometer na política interna; identificar-se como membro do NSDAP; não participar de conflitos. Além disso, o NSDAP considerava todo o alemão no exterior como sendo um partidário, em potencial^v.

Mas a difusão da cultura e língua alemã acontecia nos núcleos de germânicos bem antes da ascensão do Nazismo, em especial, nas Igrejas Luteranas. Pastores como o alemão Rotermund, fundador do Sínodo Riograndese, afirmavam, ainda na década de 1860, que

O cultivo da germanidade está no sangue e na alma da Igreja Evangélica, que, com razão, foi designada de fruto da união do Evangelho com o germanismo... quem deixa de sentir e pensar evangelicamente, deixa de ser alemão, e vice-versa (DREHER, 1894)^{vi};

Rotermund foi mais além, afirmando que, embora fosse necessário que as crianças alemãs conhecessem a língua e a história do país onde estavam enraizadas, deviam conhecer, antes de mais nada, a língua e a história do seu próprio clã (MAGALHÃES, 1998. 136).

Nesse período, estava em voga entre os líderes luteranos no Brasil a idéia de uma identidade evangélica mais voltada para o Germanismo que para o Luteranismo. Falava-se, inclusive em um “Pastorado Nacional-Socialista no Brasil” (HUFF JR. 2008, 15). Em Petrópolis, a Igreja Evangélica era um poderoso elo entre os descendentes germânicos e a Alemanha. Os pastores, em sua maioria, eram nascidos e formados naquele país ou na Suíça, como o pastor Joseph Hohl, que esteve à frente da Igreja entre 1924 e 1939. Em 1932, Hohl viajou com a família para a Suíça, deixando lá seu filho Peppi, para que concluísse os estudos. Esse intercâmbio com a Alemanha se dava também por meio da vinda de representantes da Igreja da Alemanha para o Brasil (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1931, 1).

Com o advento do Nazismo, a orientação da escola evangélica se modificou. Segundo a *Tribuna de Petrópolis*, os professores estavam ligados à ideologia de Hitler, chegando a

10.4025/6cih.pphuem.625

organizar corporações hitleristas infantis. Em Petrópolis, o núcleo do NSDAP se reunia na sede do *Deutscher Saengerbund Eintracht* (TRIBUNA DE PÉTRÓPOLIS, 1939, 1). Posteriormente, essas reuniões passaram a ser realizadas no Deutschen Heim.

O conservadorismo católico e o movimento integralista em Petrópolis

Nas décadas de 1930 e 1940, os discursos autoritários do fascismo italiano e do nacional-socialismo alemão encontraram receptividade em diversos grupos no Brasil, que tentaram propor um modelo viável a realidade brasileira, apesar das diferentes condições históricas e sociais da Europa. Dentre os vários segmentos que se identificaram com esse discurso, a AIB foi o primeiro partido nacional, com uma organização de massa a existir no Brasil. O integralismo emergiu em meio a uma sociedade tensionada pelo impacto internacional da Revolução Soviética e pela ascensão dos movimentos de caráter autoritário na Europa. Na década de 1930, as tendências antiliberais encontraram um clima propício para se expandirem, encontrando expressiva recepção em amplos setores da classe média, dentro do clero católico e na ala feminina, ansiosa para tornar-se agente sócia (CARNEIRO, 1999, 11).

Em 7 de outubro de 1932, foi lançado o Manifesto de Outubro, o primeiro documento assinado e lido em público por membros da AIB. Em seu primeiro ano de atividade, AIB empenhou-se na estruturação e afirmação no cenário político nacional. Consolidada a sua posição em São Paulo, em agosto de 1933, a AIB iniciou uma fase de expansão para outras regiões do Brasil. Neste período, os trabalhos de propaganda e organização se intensificaram. Durante o segundo semestre daquele ano foram fundados os primeiros núcleos no interior do estado do Rio de Janeiro, nas cidades de Campos dos Goytacazes, Petrópolis, Cantagalo, Itaperuna e Friburgo (FAGUNDES, 2011, 52).

Segundo Hélgio Trindade, a formação da Ação Integralista Brasileira se processou internamente a partir da confluência de vários grupos de extrema direita e da influência do pensamento católico, de cunho conservador, entre os quais a Ação Imperial Patrionovista, organização neomonarquista católica, que tinha entre os objetivos, restaurar a monarquia (TRINDADE, 1974).

10.4025/6cih.pphuem.625

A história de Petrópolis tem vínculo estreito com o período do império. A cidade foi planejada para ser a sede de veraneio da família imperial. Foi construída na fazenda do Córrego Seco, propriedade de D. Pedro II. O projeto de construção do palácio imperial foi coordenado pelo major Júlio Frederico Koëler, e incluía, além da construção do palácio, a urbanização de uma vila imperial com quarteirões, a edificação de uma igreja em louvor a São Pedro de Alcântara, a construção de um cemitério, a cobrança de foros dos colonos moradores e a expulsão dos que estavam ocupando ilegalmente as terras da região. Segundo Paulo Henrique Machado,

a associação de Petrópolis à monarquia é imediata, uma vez que até hoje os eventos na cidade sempre utilizaram a imagem de D. Pedro II e da coroa como os símbolos maiores da cidade. Além disso, desde 1981, a cidade ostenta o título de “Cidade Imperial”, o que reforça ainda mais a ideia de uma cidade aristocrática e conservadora (MACHADO, 2005, 78).

Esse traço conservador tão presente em Petrópolis, que Machado identifica como um legado do vínculo da origem da cidade com a família imperial, pode ter contribuído para que o município fosse um dos mais expressivos núcleos integralistas na década de 1930. Além disso, a presença da Igreja Católica em Petrópolis no período se manifestava principalmente através da atuação do intelectual e pensador católico Alceu Amoroso Lima^{vii}. Alceu morou em Petrópolis e dirigiu a fábrica de tecidos Cometa na década de 1930. Figura fundamental no movimento de renovação católica, dirigiu o Centro Dom Vital e a Liga Eleitoral Católica (TRINDADE, 1974, 111).

O movimento integralista iniciou suas atividades em Petrópolis no ano de 1933. Sob a chefia do bancário Raymundo Padilha, os integralistas inauguraram o primeiro núcleo na cidade. No ano seguinte, 1934, outros dois núcleos foram inaugurados nos bairros do Itamaraty e de Cascatinha, locais onde boa parte dos moradores eram operários. Os integralistas de Petrópolis criaram também uma escola noturna, que não exigia como pré-requisito a filiação à AIB, o que pode ser interpretado como uma tentativa de levar a doutrina da organização aos operários, que consistiam em grande parcela do alunado atendido por aquela escola. Seguindo orientações do núcleo nacional, membros da AIB em Petrópolis mantiveram um veículo de comunicação próprio, o jornal *A Marcha*, sem abrir mão de

10.4025/6cih.pphuem.625

publicar notas e artigos nos jornais de circulação diária do município, em especial na *Tribuna de Petrópolis*, amplamente utilizada pelo grupo para propagar a ideologia integralista (ALCÂNTARA. OLIVEIRA. 2001, 187).

Em março de 1935, Petrópolis sediou o II Congresso Nacional Integralista. Durante os três dias de evento, a cidade recebeu cerca de 5 mil integralistas. Foi nesse Congresso que a AIB transformou-se em um partido político, visando às eleições previstas para 1938. E nas eleições municipais de 1935, foram eleitos dois vereadores integralistas em Petrópolis.

HUGO JOSÉ KLING: O “OPERÁRIO” INTEGRALISTA

Se em termos de fontes e estudos a respeito da dinâmica nazista em Petrópolis encontramos uma expressiva carência, o mesmo não acontece com os integralistas. Uma análise que permite apontamentos significativos é a da trajetória do articulista Hugo José Kling, que entre 1935 e 1936, com uma frequência quase semanal, publicou na *Tribuna de Petrópolis* artigos integralistas. Kling era chefe do sub-núcleo do bairro Mosela. Trabalhou na construção civil como bombeiro hidráulico e por conta desta experiência, definia-se como um operário. Afirmava ser um “*homem de pouco estudo, com apenas o curso primário incompleto*”. Entretanto, antes da formação do integralismo em Petrópolis, já atuava como articulista da *Tribuna*, o que indica o seu acesso não só a instrução como ao grupo empresarial da imprensa petropolitana, em especial, aos jornalistas Arthur Alves Barbosa e Walter João Bretz, responsáveis pela *Tribuna*. (FAHNDRICH, 1969, p. 10). Sua linha argumentativa tinha como alvo o operariado petropolitano. Entretanto, a origem de Kling e alguns de seus artigos permite observar aspectos da relação entre nazistas e integralistas em Petrópolis partindo da perspectiva de um integralista.

O articulista era neto de germânicos e estudou em escola de língua germânica em sua infância. Na década de 1930, os ideais nazistas ganharam adesão entre descendentes dos colonos germânicos de Petrópolis, em especial, no bairro Fazenda Inglesa e na Mosela, cujo sub-núcleo integralista era de responsabilidade de Kling. Porém, Kling criticava esse vínculo cultural entre Brasil e Alemanha, em especial, a adesão da geração de descendentes de

10.4025/6cih.pphuem.625

germânicos ao nazismo. Chegou a publicar uma carta aberta, dirigida a um jovem nazista, por meio da qual expressa sua revolta contra a mobilização de um grupo de Petrópolis.

Meu caro patrício. Meus saudaes. Envio-te hoje, pelas columnas da – Tribuna de Petrópolis -, esta carta aberta afim de levar ao teu conhecimento, o que me sugeriu o raciocínio [...] De inicio tenho a dizer-te, que tambem sou descendente de germanos. Meus avós eram allemães, mas, desculpa-me a franqueza, eu não concordo com sua attitude, pois isto aqui é o Brasil e não é Allemanha. [...] Os brasileiros que como tal se prezam, só devem formar em organizações nacionaes. [...] E como explicar esse cunho de empáfia e soberba que imprime às tuas attitudes, olhando com soberano desdém, os patricios que não formam na tua milícia? Achas que elles estão errados? Não, meu caro, o errado és tu. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 29 fev. 1936, p. 1).

O objetivo deste trabalho foi analisar o panorama da participação política de descendentes de germânicos em Petrópolis durante a década de 1930. Conforme demonstrado, não se pode classificar todo o descendente de germânico que por uma tradição familiar preservava a cultura de seus antepassados, naquele período apresentasse uma vinculação automática com o nazismo. Embora existisse um partido nazista em Petrópolis, a simples herança cultural germânica transmitida geração á geração não foi garantia para que todo aquele grupo se vinculasse ao nazismo. Embora expressivo no município, havia ainda outros movimentos ativos na cidade e para análise aqui apresentada, buscou-se investigar, via trajetória de uma das principais lideranças integralistas locais, Hugo José Kling, que esses descendentes poderiam fazer outras escolhas em termos de militância política e ideológica.

BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Priscila Musquim. **O candidato civil do PCB**: a trajetória política do engenheiro Yêddo Fiúza (1930-1947). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado, 2012.
- ALCÂNTARA, Priscila Musquim. OLIVEIRA, Alexandre Luís. Um articulista camisa-verde na Cidade Imperial: Hugo José Kling e o discurso integralista voltado para o operariado petropolitano (1934-1935). In: VICTOR, Rogério Lustosa (org.) **À direita da Direita**: estudos sobre o extremismo político no Brasil.. Goiânia. Editora da PUC Goiás, 2011, p. 114-115.

10.4025/6cih.pphuem.625

ALCÂNTARA, Priscila Musquim. OLIVEIRA, Alexandre Luís. O jornal **A Marcha** e a estruturação da AIB em Petrópolis. In: GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. (org). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob medida, 2011, p.287-304.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Prefácio. In: CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional**. A ação integralista no Maranhão. (1933-1937). São Paulo: Annablume, 1999, p.11.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os primeiros anos da Ação Integralista Brasileira (AIB): da Sociedade de Estudos Políticos (SEP) ao I Congresso Nacional da AIB. In: VICTOR, Rogério Lustosa (org). **À direita da Direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, p. 52-54.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Erico. *Vozes da ortodoxia: o sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial do final do Regime Militar*. Juiz de Fora: 2006. (Tese em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.

MACHADO, Paulo Henrique. **Pão, terra e liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935**. UFRJ/PPG História Comparada. Dissertação de Mestrado. 2005. P.78

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora Unicamp., 1998, p.136

MARTINS, Ismênia de Lima. **Subsídios para a industrialização em Petrópolis: 1850/1930**. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis, 1983. p. 16-17

MONTEIRO, Ruy. **A República em Petrópolis**. Política e eleições municipais. (1916-1996). Petrópolis: Editoria Gráfica Serrana. p. 68-72

PANDOLFI, Dulce Chaves. Op. cit. 18. **Governadores do Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: <www.bperj.rj.gov.br/governantes_novo.htm>. Acesso em: 9 jun. 2009

STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Cia União e Indústria e os Alemães**. Juiz de Fora: Funalfa, 1979. KERSTEN, Hans (Compilação). **Comunidade Luterana em Petrópolis: 160 anos – 1845-2005**. Petrópolis: Gráfica Primo's, 2005. p. 5.

SOUZA, Maria do Carmo Campello. Estado e partidos políticos no Brasil. 1930-1964. P.95

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira**. Origem e desenvolvimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 87-88

TAULOIS, Antonio Eugênio. **História de Petrópolis**. UCP/IHP. Disponível em: www.petropolis.rj.gov.br. Acesso em fevereiro de 2007.

TAUNAY, Carlos Augusto. Viagem Pitoresca a Petrópolis. Rio de Janeiro, 1862. In: **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Cultura, IPHAN e Museu Imperial de Petrópolis, 1995. p.53.

TINOCO, J. Petrópolis - Guia de Viagem. Rio de Janeiro: Typographia de L. Winter, 1885. In: **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Cultura, IPHAN e Museu Imperial de Petrópolis, 1995.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel; 1974.

10.4025/6cih.pphuem.625

VASCONCELLOS, Francisco de. Amaro de Vasconcellos, industrial em Petrópolis. **Tribuna de Petrópolis**, 02 de julho de 2000. Disponível em <www.ihp.org.br>. Acesso em 25 mai 2009.

Tribuna de Petrópolis, 25 de junho de 1931.

ⁱ Cf. **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Cultura, IPHAN e Museu Imperial de Petrópolis, 1995, nota 26, p. 260. **Histórico da cidade de Petrópolis**.

ⁱⁱ A partir do Livro 2, ou seja, após a segunda metade da década de 1860, os registros englobam em maior número a dinâmica de casamentos da primeira geração nascida em Petrópolis, que é considerada brasileira e, portanto, não nos oferece informações quanto à origem germânica de suas famílias.

^{iv} Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

^v Idem.

^{vi} Trecho retirado de DREHER, Martin. Igreja e germanidade. Caxias do Sul:Sinodal, 1894. p.93-94.

Apud: MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. p.93.

^{vii} Alceu Amoroso Lima utilizava o pseudônimo Tristão de Athayde.